

USO DE CETACEOS COMO ISCA NO RIO GRANDE DO NORTE

Fernanda Löffler Niemeyer Attademo¹, Flávio José de Lima Silva¹, Juan Adelanjo Filgueira de Moura², Adna Sandra Lucas Firmino², Paula Tatiana Gomes³, Andréia Freitas de Oliveira³

¹Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) (e-mail: niemeyerattademo@yahoo.com.br)

²Laboratório de Mastozoologia-Grupo de Cetáceos da Costa Branca. Departamento de Ciências Biológicas – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) (flaviuern@yahoo.com.br)

³Graduandos em Ciências Biológicas – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

INTRODUÇÃO

O litoral do Estado do Rio Grande do Norte possui cerca de 400 Km de extensão e é dividido em duas porções (Litoral Sul e Litoral Oeste). A porção oeste, também denominada de Costa Branca apresenta como principais atividades econômicas a extração de sal e petróleo, carcinicultura e pesca artesanal.

O grande potencial pesqueiro marítimo toma um destaque tanto econômico como ecológico pelo fato da região possuir elevada diversidade de espécies de valor comercial e os procedimentos de pesca das mesmas possui grande potencial de impacto aos ecossistemas costeiros. A perda da biodiversidade é fonte de preocupação pelo fato do desequilíbrio populacional ou extinção de qualquer espécie no ambiente acarretar conseqüências em toda a cadeia trófica local (Milaré, 2004).

O litoral do Rio Grande do Norte, e em especial a Região da Costa Branca, possui uma grande diversidade de espécies de mamíferos marinhos, incluindo boto (*Sotalia fluviatilis*), golfinhos (*Tursiops truncatus*) e peixe-boi (*Trichechus manatus*) (IBAMA, 2001). Nessa mesma região ocorrem espécies de peixes de elevado valor econômico, entre elas o cação que habita águas costeiras e oceânicas, da superfície até o fundo. Para capturar este animal, utiliza-se técnicas e iscas específicas, tendo em vista a ferocidade, tamanho e hábitos deste animal. Em geral o espinhel é o método mais utilizado para esta finalidade de pesca. Este apetrecho de pesca é constituído por uma quantidade variável de anzóis ligados a uma linha longa e cabos resistentes, com bóias de sustentação e marcação sendo usualmente lançado ao entardecer e recolhido no dia seguinte (Spilman, 2000).

O uso de cetáceos como isca de espinhel para capturar cação já havia sido relatado para outras regiões do Nordeste do Brasil, entretanto não havia registro dessa atividade para o Estado do Rio Grande do Norte.

OBJETIVO

Identificar a interação da pesca com os cetáceos nas comunidades de pesca do Município de Diogo Lopes (Região da Costa Branca-Rio Grande do Norte), particularmente no que se refere ao uso desses animais como isca nas atividades de pesca.

MÉTODOS

O estudo foi realizado no distrito de Diogo Lopes (5° 11' 47,2'' Sul e 37° 19' 39,5'' Oeste), pertencente à cidade Macau e incluso na região da Costa Branca, estado do Rio Grande do Norte. A área caracteriza-se por apresentar litoral arenoso com praias e enseadas extensas.

Os dados foram coletados em uma visita mensal à localidade entre janeiro e junho de 2005. Aplicou-se um questionário estruturado (Przybyski & Monteiro-Filho 2001; Souza, 2004) com 5 % (N= 22) dos pescadores associados da Colônia de Pescadores local, levantando-se dados referentes as características das embarcações, equipamentos, procedimentos, espécies alvo, locais de pesca, número de pessoas envolvidas na pesca e finalidade do pescado. Foram coletadas ainda informações sobre observações e encalhe de cetáceos, considerando a frequência em que os mesmo ocorrem e a variabilidade de espécies envolvidas. Também foram levantados dados sobre casos de interação com cetáceos durante a pesca, considerando o nome popular relatado pelos entrevistados e o destino dos cetáceos quando emalham nas redes de pesca. Em adição percorreu-se quinzenalmente o litoral no intuito de coletar material biológico de encalhes de cetáceos seguindo-se os procedimentos indicados pela Rede de Encalhe de Mamíferos Aquáticos do Nordeste – REMANE (IBAMA, 2005).

RESULTADOS

A pesca na região é concentrada entre os 530 associados da única Colônia de Pescadores do local. Em relação as embarcações 47,1% utilizam canoa, 35,3% barco com vela e apenas 17,6% utilizam barco com motor variando entre 1 e 3 cilindradas.

As canoas costumam realizar a pesca em áreas próximas à costa e geralmente com retorno diário dos tripulantes para o continente. Já os barcos com vela ou motor costumam proceder a pesca em pontos mais distantes da costa e permanecer entre 2 e 7 dias embarcados, utilizando principalmente gelo para a

conservação do pescado e em alguns casos sal. Os peixes são capturados com linha de fundo, espinhel, rede de espera e rede de arrastão.

A finalidade principal do pescado é a comercialização e secundariamente a subsistência. As principais espécies de peixes alvo são sardinha, voador, dourado, serra, cavala, bonito, cação e raia. Para a captura do cação utiliza-se principalmente o espinhel, iscados com peixes de pequeno porte, como sardinhas.

Entre os entrevistados, 3 pescadores confirmaram o uso freqüente de pequenos cetáceos, principalmente toninhas, como isca nos espinhéis para capturar cações na área. Segundo o mesmo relato, são utilizados apenas os cetáceos mortos acidentalmente nas as redes. Os pescadores designam tais cetáceos como toninha e golfinho, sendo estes constantemente vistos na região e caindo ocasionalmente nas redes, não sendo possível precisar as espécies em questão.

De acordo com os mesmos relatos, em geral, quando caem na rede os animais vão a óbito, porém há casos em que conseguem sobreviver após serem soltos. Em ambos os casos, segundo os entrevistados, ocorrem danos nas redes representando elevado prejuízo tanto no reparo das redes como na continuidade da pesca.

Os entrevistados relataram ainda que para utilizar as carcaças de cetáceos como isca procedem ao retalhamento das mesmas a bordo das embarcações imediatamente após a captura, aproveitando apenas os músculos e descartando a ossada como forma de evitar vestígios da captura desses animais. A totalidade dos entrevistados que adotam essa prática afirmou conhecer a legislação de proteção aos cetáceos e a existência de fiscalização, e indicaram que utilizam apenas os animais encalhados nas redes.

Durante o monitoramento do litoral foi possível coletar com um pescador uma nadadeira caudal de um pequeno cetáceo, ainda em bom estado de conservação, com sinais de corte. O pescador afirmou que tratava-se de um animal que encalhou no dia anterior em uma de suas redes de pesca e que seria utilizado como isca para cação.

CONCLUSÃO

Embora relatem conhecer a legislação brasileira de proteção aos cetáceos, os pescadores da região de Diogo Lopes, no litoral oeste do Rio Grande do Norte, fazem uso constante de botos e golfinhos como isca na pesca de cações.

O uso de redes de espera ou de arrasto para pesca na região demonstrou caracterizar uma interação negativa entre pescadores e cetáceos para ambos os lados, os cetáceos por virem a óbito e os pescadores por terem suas redes destruídas.

Considera-se necessário ações educativas e de fiscalização com maior freqüência na região com um direcionamento da importância ecológica dos cetáceos e da necessidade de preservação dos mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (2001). **Mamíferos Aquáticos do Brasil**: plano de ação, versão II. Brasília: MMA/IBAMA. 102 p.

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (2005). **Protocolo de conduta para encalhes de mamíferos aquáticos**: rede de encalhes de mamíferos aquáticos do Nordeste. Brasília: MMA/IBAMA. 298 p.

Milaré, E. **Direito do ambiente**: doutrina, jurisprudência, glossário. São Paulo: Editora dos Tribunais. 2004. 1024 p.

Przbylski, C. B. & Monteiro-Filho, E. L. A. (2001). Interação entre Pescadores e Mamíferos Marinhos no Litoral do Estado do Paraná – Brasil. *Biotemas* 14 (2): 141 – 156.

Souza, M. R. (2004). **Etnoconhecimento caiçara e o uso de recursos pesqueiros por pescadores artesanais e esportivos no Vale do Ribeira**. Dissertação de Mestrado – Escola superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Piracicaba.

Spilman, M. (2000). **Peixes Marinhos do Brasil**: Guia Prático de Identificação. Rio de Janeiro: Instituto Ecológico aqualung e Mauad editora. 288p.

AGRADECIMENTOS

Aos pescadores associados da Colônia Capataz Manoel Lucas – Diogo Lopes, pelas informações prestadas.

À PETROBRAS (Universidade Corporativa e Unidade RN-CE) pelo apoio logístico e financeiro.

Fernanda L. N. Attademo conta com bolsa de pesquisa PETROBRAS - Universidade Corporativa.

Projeto financiado pelo CNPq e pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Norte (FAPERN)